



Exposição “Motivações”

António Manuel Prata Coelho

Nesta exposição é possível descortinar três eixos fundamentais: diálogo; conexão e memória, motivações. Saudável confronto entre o que são memórias e o diálogo que a atualidade nos pode oferecer com o trabalho de José e Jos van den Hoogen, considerando o passado, o presente e o que se avizinha no futuro.

Esta mostra, recorrendo à memória da história da pintura, foge da lógica cronológica e evoca, com propositada ironia, uma interessante conversa entre épocas e estilos. A exposição convida ao diálogo passado e presente, estabelecendo relações entre práticas artísticas radicalmente distantes. Explora diversas camadas de significação através da apresentação de obras díspares e contrastantes, abrindo diferentes possibilidades de leitura sobre cada uma delas e analisando as relações que acabam por se formar. Uma exposição deve sempre levantar questões, inquietações que trarão distintos impactos junto dos diferentes visitantes. O nosso olhar não é linear. Obras de diferentes épocas, diferentes temáticas e diferentes técnicas contrariam a naturalidade do olhar do indivíduo gerando surpresa e curiosidade. Um diálogo entre obras distintas cria ritmo à visita que informa, mas também sugere novas leituras, uma das motivações desta exposição –

convidar o público a observar afinidades visuais e repercussões formais entre a pintura e a escultura contemporâneas e entre estas e a pintura do naturalismo, destacando continuidades, contrastes e diálogos inesperados. Interessa despertar o observador para as múltiplas possibilidades abertas pela obra de arte. A arte é realmente universal no seu objetivo de colocar pessoas a pensar, levantando muitas vezes mais perguntas do que respostas. O museu é, assim, um lugar de viagem. Um convite a múltiplas interpretações.

Desde o século XIX, período do qual são oriundas as obras da coleção do Novo Banco aqui apresentadas, até aos dias de hoje, permaneceu uma lógica expositiva que privilegiava a situação cronológica e o seu contexto. Mas tudo mudou. Cem anos depois esta organização, por si só, já acrescenta pouco de inovador ao nosso olhar e modo de ver. A obra de Tomás da Anunciação, “Paisagem com rebanho” capta a realidade do momento, com os animais integrados na natureza e vistos à luz dos cambiantes atmosféricos, uma das características da pintura naturalista. Assim, da mesma forma que apreciamos as grandes telas dos pintores naturalistas com cores realistas que orientam a sua execução e nos devolvem uma observação do concreto e do imediato, também devemos privilegiar a arte do nosso tempo, lugar a novos entendimentos de objetos artísticos fascinantes na sua

complexa, sofisticada e diversa materialidade.

Nesta exposição, as motivações e o impulso criativo manifestam-se em formas, linhas e volumes que transitam entre a pintura e a escultura. Tal como os naturalistas também a obra de Jos e José van den Hoogen demonstra a observação atenta da realidade. Entende-se a motivação inerente aos seus trabalhos – a intenção de captar a vida, narrar, através da imagem, a consciência do seu tempo tal como o fizeram os naturalistas. As imagens pictóricas e as figuras esculpidas fazem parte de uma realidade e, com elas, os dois artistas constroem um relato através da perspetiva de quem sabe observar uma verdade que, sem dúvida, os interpelou.

A pintura de género, da vida rural, das paisagens de Tomás da Anunciação, “Paisagem com rebanho” ou a obra de Artur Loureiro, “Vista provável das cinco serras”, marcadas pela expressividade cromática, a riqueza plástica e a intensidade poética da paisagem, com os seus cambiantes de luz, não são já só as motivações que impelem o trabalho de José e Jos. Nas suas obras nota-se o mistério de uma certa sabedoria. A busca desse mistério, do saber conhecer a matéria, e o outro. Talvez a intenção de colocar em primeiro plano a construção do mundo, da memória e do próprio contexto.

Os naturalistas Tomás da Anunciação, Artur Loureiro e Souza Pinto enfatizam a natureza, o seu quotidiano, o concreto, o imediato. A imaginação deixa de ser a faculdade principal dos artistas, mas sim o resultado da observação do imediato. José e Jos encontram motivações em novos modos de ver o mundo e de o interrogar. Os naturalistas aqui presentes procuram uma linha de horizonte para desenhar uma paisagem. Por cima dessa linha um espaço, o céu, a linha é o horizonte e por baixo comprime-se o olhar do espetador. A paisagem define-se pelo que o observador vê. A pintura de Jos propõe uma abordagem aberta e diversa do entendimento desse conceito. Aqui revelam-se novas linhas de fuga, resultando distintas perspetivas, diferentes tempos e narrativas mais abertas e sobretudo mais expressivas, tornando-se laboratórios do pensamento e do espaço pictórico que é a tela (Sabino, p.164). Prescinde-se da linha do horizonte em busca de uma reflexão sobre o real, o irreal e utópico. Orientações, estruturas, formas, fundo e cor são tópicos recorrentes em Jos e José, não deixando de estar muito atentos à história da arte. Associam elementos da realidade reconhecíveis com maior ou menor grau de abstração. A linha horizontal ou vertical remete, também, para a construção de planos que podem ser chão, terra, ar, lugares de vida e de pensamento, reflexão e indagação da relação com a natureza, mas uma natureza que privilegia a condição humana e a

se escolhe num acordo entre materiais, gestos e processo mental, executando uma síntese do que é perceptível ao pensar e ao olhar (“WYSIWYG”; “Ondas”; “Corporal”).

A ação artística de José e Jos é uma forma de pensar e dizer o mundo. A arte é, assim, resultado da alma dos artistas que refletem sobre o seu tempo e que explicam o mundo, que lhes levanta questões e que nos obriga a pensar. “A arte é o reflexo da alma do artista, sobre o seu tempo” (Albuquerque Mendes, Paris, 22 de fevereiro de 1986).

A motivação é a centelha inicial que coloca o artista em movimento, antes mesmo da matéria ganhar corpo. Motivações propõe uma reflexão sobre aquilo que move os artistas a criar. Cada pintura e cada escultura nasce de uma causa — uma memória, um lugar, uma emoção ou um fragmento da realidade, os elementos que inspiram e estruturam a criação artística.

Referências bibliográficas:

FERREIRA, António Quadros. *A Pintura É Uma Lição*. Edições Afrontamento, 2022.

HAGEN, Rainer & Rose-Marie. *Goya*. TASCHEN, 2007.

MALDONADO, Myriam Monterde & Lulián M. Ortega Ortega. *Goya Del Museo al Palacio*. Edição Gobierno de Aragón, 2024.

MENDES, Albuquerque, Paris, 22 de fevereiro de 1986, in *A Pintura É Uma Lição*, Edições Afrontamento, 2022.

OLIVEIRA, Ana Pais. “*O Cérebro dos Dedos das Mãos*”, in *A Pintura É Uma Lição*, Coord. António Quadros Ferreira, Edições Afrontamento, 2022.

PAIS, Alexandre Nobre. *Caderno de Viagem*. Edição Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., 2025.

PINTO, Ana Lúcia & Fernanda Meireles & Manuela Cernadas Cambotas. *História da Arte Ocidental e Portuguesa, das Origens ao Final do Século XX*. PORTO EDITORA, 2006.

SABINO, Isabel. “*Paisagem e Vertigem com Laranjas Azuis [ou quando uma linha do horizonte (não) basta]*”, in *A Pintura É Uma Lição*, Coord. António Quadros Ferreira, Edições Afrontamento, 2022.

SARAMAGO, José. *A Caverna*. Editorial Caminho, 2000.

tornam mais dinâmicas. Efeitos que afastam a figura da realidade, mas que a aproximam do espaço através da criatividade do olhar (“Vaidade”). A contínua tatilidade gera um relacionamento físico com a superfície/material, arrancando à pedra pedaços que criam olhares e movimentos enviesados e oníricos entre formas expressionistas e surrealistas (“sob nuvens pássaros navegam”). Situações híbridas entre meio figuras meio formas naturais, não representativas, prontas a serem devoradas pelo olhar do observador (“Corporal”). Figuras irregularmente vistas de frente em situações algo surreais e místicas, em sucessivos lugares familiares, nas quais experimenta a sua visão do mundo (“Ondas”).

O atelier converte-se em laboratório experimental de utilização de materiais industriais, associados à pedra, trabalhados em sobreposição de várias tramas gráficas, criando efeitos que instabilizam o olhar e armadilham o observador. Espaço ilusionista numa sedução encantadora e fascinante. Criam-se ilusões, com singular ironia, que fundem a escultura com a arquitetura e os objetos como em “WYSIWYG” – What You See is What You Get”, obrigando o observador a estimular a sua própria imaginação e a projetar o futuro. Por outro lado, o objeto tridimensional é atravessado pelo vazio perfurando a matéria. Assim, se introduz uma relação com o espaço marcada pelas dinâmicas dos vazios (buracos), jogo de encadeamento de

planos que nos recorda a visão do espaço da pintura de Maria Helena Vieira da Silva. Dinâmicas que acentuam o movimento das formas. A inclusão do espaço na própria obra criando lugares mistos, mas fracionados numa perspetiva geométrica, simultaneamente orgânica e carregada de ironia. (“Vaidade”; “Nem tudo é transparente”).

Uma parte associada ao contexto académico, clara referência a Rodin ou mesmo a Miguel Ângelo, outra mais pessoal tece o trabalho da conceção artística numa dimensão de interrogação e reflexão que, não se explicando, se tornam complementares no seu processo criativo. A artista, num ato de grande silêncio e solidão deixa-se conduzir pelo furor da criação e inovação, revelando a originalidade da qual depende o seu talento. Primeiro desenha com a cabeça, depois com as mãos como se o cérebro colocasse o pensamento na ponta dos dedos (Saramago, pp. 82-83) Todo o ato criativo é imbuído de uma ideia intrínseca prévia, simultânea ou posterior ao ato de fazer e experimentar. O pensamento, sempre presente no ato de criar, ganha vida quando a obra efetivamente toma forma. O pensar e o fazer questionam-se e não se esgotam no objeto que é a obra. Obriga-nos a nós observadores a iniciar um novo pretexto para uma nova realidade, a nossa (Ferreira, p.19). A artista entende-se como construtora de futuros como pode a arte aspirar a ser. Não se exhibe tudo, representa-se o que

matéria (“Sol Preto-Colina Quebrada” e “Sol Preto-as ruínas”).

As ancestrais convenções da representação da profundidade e perspetiva, visíveis nas obras de Tomás de Anunciação, Artur Loureiro e Souza Pinto aqui presentes, dão lugar, na pintura de Jos, a uma criação artística que transforma a tela num espaço verdadeiramente pictórico, uma superfície plana onde persistem as linhas, as estruturas e, ao contrário do naturalismo, substitui espaços de representação pela cor que se afasta do reconhecível. Agora, em “Sol Preto – as ruínas”, a profundidade é sugerida por sobreposições e valores (plano de céu escuro, tons médios no meio-plano, claros deslavados no primeiro plano). Não há perspetiva rigorosa de ponto único; prevalece uma perspetiva atmosférica e ligeiras convergências empíricas.

Por sua vez as motivações que movem José com a sua escultura não representativa (“Réplica”; “Arrogante”), concentram-se em formas, volumes, luz, sombra e relação com o espaço. A pintura naturalista procura representar a realidade de forma fiel, com detalhes, cores e proporções próximas da natureza. A escultura da José interpreta a realidade/matéria através das formas, das texturas dos diferentes materiais e da luz. Na pintura naturalista a luz é pintada para criar volume e profundidade. Na escultura, a luz é real, incidindo sobre a superfície, criando sombras. Na sua relação com o espaço a pintura cria a ilusão de profundidade

numa superfície plana. Por sua vez, a escultura ocupa o espaço real e integra-o na obra. Num exercício permanente de experimentação José elabora representações que se afastam das referências naturais (“Réplica”).

Por outro lado, Jos cria figuras que se estranham, fundindo imagens de cenas bélicas, cenários cinematográficos (série Sol Preto), apoiado na literatura e na própria história da pintura com os ecos da memória numa invenção pictórica permanente na relação entre o naturalista e o fantástico (“Sol Preto-lobo”; “Sol Preto-hiena”; “Sol Preto-Colina Quebrada”). Em “Sol Preto-Besta Humana” e “Sol Preto-Desastres da Guerra” as composições seriadas de seis imagens cada apresentam-nos naturezas quase impossíveis, vagamente ameaçadas ou tóxicas, revisitando outras épocas e outros artistas (Goya; Robert Capa; Masaccio). Estuda os grandes, não tendo receio de ser influenciado, criando, como verdadeiro artista, novas representações. Veja-se “Sol Preto-Desastres da Guerra” ou “Sol Preto-sono da razão”, clara referência aos Caprichos de Goya. Da mesma forma que a guerra inspirou Goya, e as suas gravuras representam a raiva que sentiu perante tanta violência, dor e sofrimento, também a violência da ação humana se encontra presente na obra de Jos. Uma arte politicamente engajada, altamente subjetiva e imaginativa que reflete eventos da época em que vivemos, incluindo guerra, corrupção e males sociais. “Motivações” torna-se também numa

interrogação sobre porque criamos, para quem criamos e o que nos move. A exposição propõe essa viagem aos motivos que originam a criação artística — aquilo que se observa, aquilo que se sente e aquilo que inevitavelmente se transforma. Nestas composições seriadas, dentro de um espaço maior do que é a tela, cria vários planos, diferentes formas e técnicas num turbilhão simulado que obriga o observador a diversas experiências, podendo traduzir distintos modos de ver e de sentir, vivenciando experiências mais imersivas, perdendo-se na observação do conjunto. O ponto de vista deixa de ser único e a viagem do olhar não tem uma única direção, o que instabiliza a representação numa desconcertante vertigem de imagens através das quais o nosso olhar viaja pelas referências artísticas — Masaccio “A Expulsão do Paraíso” (1425), numa clara referência ao sentimento de culpa; Robert Capa, “Soldado republicano morto durante a Guerra Civil Espanhola”(1936); Goya, “Os Caprichos de Goya”(1799) e “Os Desastres da Guerra” (1815), mas também nos temas marcados por figuras simbólicas representativas do horror da guerra e da destruição, Picasso, “Guernica” (1937), resultado da fúria contra as injustiças do mundo contemporâneo. Intui-se uma escolha, motivações que revelam um profundo respeito pelo que significam as ideias de ruína e destruição, representadas de forma simbólica pelo rato, uma metáfora para o mal do mundo em “Sol Preto-o sono da razão”.

A obra de José e Jos trazem-nos todo um aluvião de imagens que nos remetem para as motivações desta exposição. A capacidade de trazer ao presente um tempo e um espaço, através de um olhar particular que não é inocente, mas demonstrativo de uma posição que confia no seu destinatário e projeta o futuro nestas esculturas e pinturas. São obras que escavam o tempo, suscitando interrogações, surpresa e desassossego, evocando preocupação com o mundo que habitamos. Resultam ser a memória fundamental de um momento e de gentes, simultaneamente documentos, registos e obras de arte.

Jos recorre à apropriação da tradição pictórica e ao conseqüente interesse pela luz, cores restritas, onde predominam os cinzas, negros, azuis e ocre. As imagens surgem invocadoras, refletindo o tempo e percebem-se como elaboradas pelo artista e nunca como instantes reais. As grandes massas tonais, o recorte de vãos e a acentuação de contrastes remetem para abordagens expressionistas, ao passo que o sol negro acrescenta um acento metafísico e surrealista. Os fenómenos naturais assumem uma função simbólica e não naturalista, veja-se o céu negro em “Sol Preto-Besta Humana”; “Sol Preto-Sol Preto”; “Sol Preto-hiena”; “Sol Preto-lobo”.

Os lugares coevos e os acontecimentos vão-se sucedendo reformulados, corrigidos, suavizados ou balizados. A pintura como declaração do pensamento que nos é colocada

perante os nossos olhos é também resultado do contexto. A obra é aglutinadora de tudo que interessa ao artista. Jos interage com o espaço e a cidade, observa o que acontece e torna-se agente interventivo através da arte (Oliveira, pp. 56.57).

O pintor, com formação académica em literaturas, manifesta a experiência da vida e as suas referências literárias, como, por exemplo, Vítor Hugo. Observa, investiga, interroga o mundo e a si mesmo, transformando-se em encomendador dele próprio. Dá forma estética ao seu pensamento, ilumina o espírito e desbrava o futuro. O artista nasce pelo desejo de participar na construção do mundo. Inspirado no poema “Fuga da morte” de Paul Celan, aborda, nas suas pinturas homónimas, o horror percorrendo a vida e a morte. “Fuga da morte-Leite preto do alvor”; “Fuga da morte-Tocai e Dançai” e “Fuga da morte-Tocai mais suave a morte”, tal como o poema, mostram o conflito entre civilização e genocídio, a luta contra a barbárie. A pintura, instrumento de combate à violência e às atrocidades da guerra, atitudes, infelizmente, muito banais nos tempos coevos. O conjunto de obras que integram a série Fuga da Morte apresenta-se como mecanismo de fuga do que nos parece inevitável, a morte e todo o pavor a ela associado. Como no poema, Jos sugere-nos imagens contraditórias — leite(vida)/preto(morte); morte/música e dança, insinuando a desumanização e normalização do horror. Em “Fuga da morte-leite preto do alvor” o ambiente

é pesado e atmosférico. A pintura é dividida em quatro painéis verticais (um políptico), contribuindo para a sensação de fragmentação e desintegração, ilustrando, por outro lado, a estrutura musical repetitiva e entrelaçada do poema, qual pauta musical. As figuras deitadas no chão, exibidas em tons claros, quase fantasmagóricas, representam também elas o binómio fuga/morte. Já na obra “Fuga da morte-Tocai e dançai”, a pintura revela um plano muito fechado de pernas humanas, prisioneiros sem identidade. Não há rostos nem troncos — a ênfase está totalmente nos pés, sapatos e parte inferior das calças, imagem contraditória entre a vida, a morte, a música e a dança. Manchas ocre e castanhas, que interrompem a frieza cromática do azul e lilás, insinuam a deterioração e violência da cena.

José propõe ambiguidades entre espaços e matéria trabalhada (diferentes tipologias de pedra — mármore; alabastro; pedra-sabão; opala) e mantém a luz inventando, muito livremente, uma linguagem escultórica própria através do domínio das linhas e configurações assimétricas. Entre formas, texturas e narrativas visuais, a sua obra revela as motivações que lhe estão na origem — o impulso criativo que atravessa diferentes materiais (pedra, acrílico, cordão, pérolas, tecido, pregos, vidro, espelho, renda e contas). A quebra da estabilidade, advém de uma simples oblíqua ou do movimento aparente de formas que não se completam e se